

RELATO DE EXPERIÊNCIA

TÍTULO: Iniciação ao jornalismo com produção de veículo comunitário

Dennis de Oliveira – dennisol@usp.br

RESUMO

Este relato traz a experiência de ensino na disciplina Laboratório de Iniciação ao Jornalismo no curso da Escola de Comunicações e Artes da USP realizada a partir da produção de jornalismo comunitário. Os dois produtos desta disciplina são o jornal impresso “Notícias do Jardim São Remo” e o portal de notícias “Central Periférica”. A experiência de mais de 30 anos com estas produções laboratoriais realizadas no primeiro ano do curso redundou na produção no ano passado do Manual de Redação de Jornalismo Comunitário.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo comunitário – Ensino de jornalismo – Iniciação ao Jornalismo

1. INTRODUÇÃO (SUBTÍTULOS EM GEORGIA, NEGRITO, CAIXA ALTA, CORPO 12, ESPAÇAMENTO 1,5, ALINHADO À ESQUERDA)

O curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP teve a sua primeira turma de alunos no ano de 1967. Atualmente, ingressam por ano sessenta alunos nos períodos matutino e noturno e o curso tem duração de oito semestres (matutino) e nove semestres (período noturno).

Uma das principais características do curso de Jornalismo da USP é a sua intensa produção laboratorial. Na atual grade curricular, os alunos passam por vários laboratórios de produção jornalística, sendo cada um deles com uma linha editorial e públicos específicos. Nesta produção laboratorial, os alunos passam por todas as etapas de produção, desde a pauta, a captação, redação e edição final. A lógica das produções laboratoriais jornalísticas do curso de Jornalismo da USP se baseia na concepção de jornalismo da teoria da *Periodika*, de Otto Groth, isto é, jornalismo se fundamenta em quatro elementos: atualidade, periodicidade, universalidade e difusão.

Por este motivo, a definição de linhas editoriais e públicos específicos para as publicações periódicas tem como objetivo refletir com os alunos no seu processo formativo a necessidade de avaliações permanentes sobre o seu trabalho tendo em vista a relação existente entre o interesse do público e o que se convencionou chamar de “interesse público” ou “relevância pública” como elemento central para a constituição da esfera pública democrática. Em outras palavras, o sentido dado para a produção jornalística realizada no curso não é meramente treinamento técnico mas sim uma reflexão de natureza ética, tendo em vista que o que caracteriza o jornalismo é uma atividade que se define pela ética.

Assim, o que se observa é um caráter eminentemente extensionista das atividades de ensino em jornalismo. Neste sentido, a experiência realizada na disciplina de introdução ao jornalismo no primeiro ano do curso da USP encontrou na prática do jornalismo comunitário um espaço para esta reflexão.

2. POR QUE INICIAR COM JORNALISMO COMUNITÁRIO

A opção de iniciar os laboratórios de produção jornalística com o jornalismo comunitário partiu primeiramente da concepção de que texto jornalístico tem uma destinação pública – isto é, a sua qualidade está diretamente ligada a qual público se detina. Por isto, a antiga disciplina Laboratório de Texto Jornalístico cujo objetivo central era a discussão do texto jornalístico no “abstrato” se transfigurou para Laboratório de Iniciação ao Jornalismo, na qual o texto jornalístico é inserido no processo mais amplo da produção jornalística.

A opção de iniciar com a prática do jornalismo comunitário tem uma perspectiva política-pedagógica: o mais importante no jornalismo é o público. Assim, nada mais desafiador que discutir a produção jornalística (inclusive o texto) para um público com perfil distinto dos estudantes e docentes da USP.

2.1 – Jornal Notícias do Jardim São Remo

Optou-se em produzir um periódico para a comunidade de moradores do Jardim São Remo que é uma favela localizada ao lado do campus Butantã da USP e cuja história remonta a própria construção do campus nos anos 1960 (era a antiga vila operária dos trabalhadores que construíram as edificações do que viria a ser o campus principal da USP). Além dos vínculos históricos com a USP, existem outros, como uma

parcela significativa dos moradores da comunidade trabalharem na universidade em funções operacionais, alguns equipamentos da universidade atenderem os moradores, sem contar os conflitos socioeconômicos entre a comunidade da USP e da São Remo que levam a situações cotidianas tensas, como atitudes preconceituosas por parte de uspianos, ações repressivas da segurança no campus com moradores que eventualmente visitam o campus a passeio ou em busca de serviços, entre outros.

Assim, em setembro de 1994 é lançado o jornal mural “Notícias do Jardim São Remo” com 300 exemplares e que era afixado em pontos estratégicos da comunidade. No início, era um jornal oficial da Associação dos Moradores do Jardim São Remo e as pautas eram decididas em reuniões com a liderança da entidade. No ano de 1997, o jornal passou a ser impresso no formato *standart* e distribuído de mão em mão, deixando de ser um órgão oficial da associação. O desafio, a partir disto, era construir pautas a partir de critérios de relevância pública de noticiabilidade discutidos e refletidos com as várias lideranças locais bem como ter o resultado do trabalho *in loco* com a distribuição do jornal na comunidade feita também pelos alunos.

No ano de 2003, quando ingressei como docente na USP, a partir de pesquisas feitas com os moradores, foram feitas algumas reformas gráficas no veículo, como a mudança do formato para tablóide (uma reivindicação dos moradores pois facilita a leitura no transporte público), a criação da seção voltada para mulheres (outra reivindicação de lideranças do bairro que são na sua esmagadora maioria, mulheres) e uma nova seção chamada Debate/Entrevista.

Esta seção foi criada como solução para um problema: por ser um jornal comunitário, consideramos importante criarmos canais de participação da comunidade. Por isto, criamos mecanismos de cartas e emails dos leitores, caixas de sugestões na comunidade, entre outros. Não deu resultado. A solução da criação da seção Debate/Entrevista foi buscarmos a opinião dos moradores sobre determinado assunto definido em reunião de pauta e depois confrontar tais opiniões com a visão de um especialista.

A respeito deste dilema, uma discussão chegou a permear no curso entre alguns pesquisadores: o jornal era de fato “comunitário” ou era uma produção verticalizada construída a partir das nossas perspectivas e que a comunidade era instrumentalizada

como um mero “laboratório”? Tais reflexões ocorriam a partir de uma tradição nos estudos de comunicação comunitária e popular na qual o protagonismo da comunidade sempre é colocado como ponto central.

Em vários momentos de diálogo com a comunidade – formais e informais – observou-se que o engajamento da USP na produção de um jornal para a comunidade era apropriado por ela como uma “agregação de valor”. Em outras palavras, era uma apropriação do capital simbólico da USP por parte da comunidade que era importante no seu fortalecimento político para reivindicações junto a órgãos públicos, além de fortalecer a autoestima, inclusive a valorização de iniciativas dos moradores.

Esta experiência desperta, portanto, a necessidade de reflexões sobre jornalismo comunitário que leve em conta estas apropriações de capital simbólico, como ocorrem e quais os impactos. Inclusive a manutenção do formato impresso, que alguns vêm em desuso, tem uma força na comunidade. Não são poucos os moradores que guardam coleções de jornais, como se fossem documentos que registram a história das experiências que eles vivenciaram.

2.2. – Portal Central Periférica

Durante a pandemia do Coronavírus de 2020/21, as aulas presenciais do curso de Jornalismo foram suspensas e realizadas na modalidade on line por conta das políticas de isolamento. Diante disto, ficou impossível a produção do jornal laboratório impresso Notícias do Jardim São Remo que exige visitas à comunidade. A solução foi a criação de um portal de notícias on line chamado *Central Periférica* (nome dado pelos alunos da turma de 2020 que inclusive criaram o logotipo) com matérias sobre os bairros periféricos próximos a moradia dos alunos. Muitos dos estudantes da USP, inclusive de jornalismo, são de fora de São Paulo e durante a pandemia permaneceram nas suas cidades de origem.

A adaptação de uma disciplina laboratorial para o formato EAD exigiu uma dose de criatividade. Todas as aulas expositivas sobre fundamentos teóricos e técnicos do jornalismo foram gravadas e disponibilizadas e as atividades síncronas realizadas pelo moodle eram reservadas para as interações. A compreensão dos conteúdos foi mensurada por atividades propostas na plataforma que deveriam ser realizadas a cada bloco temático. Paralelamente a isso, os alunos foram divididos em grupos como se

fossem editorias (Cidadania, Cultura, Esporte, Meio Ambiente, Saúde, Educação que se responsabilizaram em produzir pequenas reportagens que combinavam curadorias de conteúdos (possibilitada pelas reflexões analíticas e críticas sobre a produção dos órgãos jornalísticos) e captação de informações com entrevistas com fontes previamente definidas, privilegiando fontes que fossem fora do mainstream e principalmente cidadãos comuns.

O resultado foi o portal *Central Periférica* cujos conteúdos foram disseminados em um site e, posteriormente, reverberado em plataformas de rede social, como Instagram e X.

Após a pandemia, decidiu-se manter o portal Central Periférica, mesmo com o retorno do jornal *Notícias do Jardim São Remo*. Remodelou-se o portal incluindo também a possibilidade de reportagens em vídeo e iniciando propostas de produção em linguagem multimídia, ainda que de forma experimental pois estas linguagens serão desenvolvidas posteriormente. A curadoria de informação se deslocou para a inspiração de pautas e o objetivo principal das reportagens é trazer fontes alternativas, particularmente de iniciativas comunitárias e movimentos sociais. Em 2024, exercitou-se a cobertura de manifestações com duas reportagens em vídeo sobre as manifestações pelo fim da escala 6 por 1 e do dia da Consciência Negra.

Alguns problemas ainda persistem na consolidação do portal Central Periférica que são oriundos de questões técnicas da hospedagem no *host* da universidade; uma certa indefinição do público – neste tópico, este ano uma equipe está estudando a criação de listas de “assinantes” que receberiam pessoalmente por rede social avisos de atualização do site, um boletim com os principais destaques. Esta estratégia é importante porque o acesso ao noticiário on line é cada vez mais intermediado pelos compartilhamentos via rede social. Espera-se que o portal *Central Periférica* se direcione para lideranças de movimentos comunitários na cidade de S. Paulo e impacte a esfera pública local alcançando um público mais amplo.

2.3 – Manual de redação de jornalismo comunitário

Os dois veículos laboratoriais que integram a produção da disciplina de Iniciação ao Jornalismo possibilitam não apenas um treinamento dos fundamentos técnicos do texto jornalístico, mas todo o processo produtivo – da pauta à edição e,

principalmente, o impacto no público. Isto permite uma discussão constante da linha editorial e sua adequação à cobertura, dentro da concepção teórica de jornalismo como forma de apropriação do conhecimento da realidade pela singularidade dos fatos, gerando compartilhamento das imediaticidades (Genro Filho, 1985).

O nexó ético deste processo de compartilhamento de imediaticidades se relaciona com a concepção de jornalismo emancipatório (Oliveira, 2017 e 2021) na qual a ruptura com o circuito de silenciamento de vozes que gera o que Freire chama de “cultura do silêncio” e que transposto para o jornalismo, chamamos de “jornalismo bancário” (Oliveira, 2021). Assim, a prática de jornalismo emancipador se insere não apenas em projetos comunitários especificamente mas como uma perspectiva crítica e inovadora de práxis jornalística.

Diante disto, como forma de sistematizar estas orientações, a partir das experiências realizadas nestes mais de 30 anos, uma equipe de alunos e mais uma pesquisadora de doutorado elaborou um “Manual de Redação de Jornalismo Comunitário”. Este material não é apenas um guia de normatização textual como costumam ser os manuais de redação, mas explicita as práticas jornalísticas desejáveis em todo o processo de produção jornalístico de acordo com o conceito de “jornalismo emancipatório”. O manual tem um caráter verticalizado – é direcionado como orientador para as produções do Notícias do Jardim São Remo e o portal Central Periférica – entretanto por estar centrado na concepção de jornalismo emancipatório, é uma proposta de metodologia para a produção de veículos comunitários.

A elaboração deste manual foi feita a partir de um estudo em grupo de documentos e manuais de redação produzidos por portais como Alma Preta, Periferia em Movimento, Desenrola e não me enrola.

A concepção de jornalismo emancipatório presente nos dois projetos laboratoriais está explícita do manual de redação da seguinte forma:

Nos veículos que este manual trata – o Notícias do Jardim São Remo e o Portal Central Periférica - características de jornalismo popular e comunitário estão presentes e o que transpassa é o objetivo que é produto do diagnóstico (I): a cidadania no Brasil não é garantida plenamente a todos, a classe trabalhadora e os moradores dos territórios periféricos encontram barreiras aos seus direitos, gerando o que o professor Milton Santos chama de cidadania fragmentada; e da meta (II): é necessário romper os silenciamentos impostos a classe trabalhadora e todos os moradores da periferia, dar visibilidade às suas demandas e garantir as suas vozes na esfera pública. É assim que o Portal

Central Periférica e o jornal Notícias do Jardim São Remo são práticas de jornalismo emancipatório. (MANUAL, 2024, p. 22)

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A disciplina de Laboratório de Iniciação começa com uma discussão introdutória dos fundamentos do jornalismo enfatizando que a narrativa jornalística é produto de um ponto de vista. A crítica ao mito da “neutralidade e imparcialidade” é feita a partir da reflexão feita por Jorge Luis Borges, nos contos “Funnes, o memorioso” e “Sobre o Rigor da Ciência”. Esse último conto de Borges tem apenas um parágrafo:

«Sobre o Rigor na Ciência
...Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava uma cidade inteira, e o mapa do Império uma Província inteira. Com o tempo, estes Mapas Desmedidos não bastaram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o Tamanho do Império e coincidia com ele ponto por ponto. Menos Dedicadas ao Estudo da Cartografia, as gerações seguintes decidiram que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade entregaram-no às Inclemências do sol e dos Invernos. Nos Desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas. (BORGES, 1982)

O objetivo da leitura e discussão destes dois contos é criticar a ideia de uma exatidão da narrativa, apontar a existência de uma diferença entre o sistema de codificação e o seu referente. Essa discussão é aprofundada em outras disciplinas na grade do curso, mas a importância de resgatá-la está no sentido de deslocar a discussão sobre a ética no jornalismo para um outro campo. Ética jornalística não é buscar uma pretensa exatidão ou o que Bucci (2000) chama de “impostura da neutralidade” mas sim nos fundamentos da própria atividade jornalística. Aí que se busca a fundamentação epistêmica do jornalismo centrado em Adelmo Genro Filho, de ser uma atividade que propicia o conhecimento da realidade por meio da singularidade dos fatos e o compartilhamento das imediaticidades como forma de consolidar a democracia e, no caso do jornalismo emancipatório, potencializá-la para construir a plena emancipação humana.

O poeta Ferreira Gullar afirma:

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada,

porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz. (GULLAR, 1997)

A partir desta reflexão, os tópicos seguintes discutem o papel do jornalismo como construção do pseudoambiente (Lippmann, 2008); como fabricação de consensos (Herman e Chomsky, 2003) e os procedimentos de produção jornalística nas etapas da elaboração de pauta e o conceito de valores-notícia (Traquina, 2005); metodologia da captação jornalística (Pereira Jr, 2006), técnicas de entrevista (Medina, 2008 e Caputo, 2006), produção de textos de pequenas reportagens (Otilia, 2000; Gianotti, 2004; Lage, 2004). A obra “Iniciação aos Estudos de Jornalismo” (Oliveira, 2020) em que se faz uma síntese desta discussão a luz dos conceitos de jornalismo emancipatório permeia boa parte destas discussões.

Em todas as aulas, as discussões teóricas são acompanhadas de atividades de análise crítica da mídia em qualquer suporte, não apenas no sentido da crítica ideológica, mas principalmente dos procedimentos de captação e produção do texto. As ferramentas de EAD do moodle são utilizadas para a realização destas tarefas possibilitando uma extensão das reflexões para além da sala de aula. O objetivo é criar um *olhar crítico* sobre a produção jornalística a partir dos seus fundamentos.

Em determinado momento, a disciplina combina as reflexões teóricas com a produção laboratorial. No veículo *Central Periférica*, os alunos são divididos em grupos por editorias. Estas editorias são revezadas a cada ciclo de produção objetivando uma “não especialização” precoce, fortalecendo a ideia do jornalista como um mediador e não necessariamente como um especialista em determinado tema.

No veículo *Notícias do Jardim São Remo*, os alunos também são divididos pelas editorias do veículo, revezando editorias e também funções de edição e reportagem. As reuniões de pauta do *Notícias do Jardim São Remo* são feitas na comunidade com as lideranças do bairro. A participação nestas reuniões assim como a distribuição do jornal impresso no bairro é obrigatória. É nestes momentos de diálogo com a comunidade que os alunos e o professor tem a oportunidade de ter uma avaliação direta do público, desde críticas feitas nas reuniões até o número de exemplares de jornal que são jogados no chão após a distribuição.

Ao final da disciplina, é realizada uma roda de conversa com alunos e professor para avaliação do processo de ensino-aprendizagem com críticas, sugestões, dificuldades encontradas... Boa parte destas avaliações nortearam ajustes no programa da disciplina nos semestres seguintes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um momento em que há uma confusão entre o que é jornalismo como ação cultural da Modernidade e a disseminação de informações por parte das plataformas de rede, considera-se que partir dos fundamentos epistêmicos do jornalismo é fundamental na formação do jornalista. Por isso, considera-se que a proposta conceitual de Adelmo Genro Filho (1985) é um ponto de partida importante que, agregado a outros conceitos importantes, possibilita uma reflexão ampla do papel social do jornalista, dos fundamentos metodológicos da captação jornalística, dos pressupostos estéticos de codificação e, por fim, de uma visão crítica do jornalismo.

No caso do Brasil, país em que historicamente, a democracia liberal é fragilizada e constantemente ameaçada, é fundamental pensar o jornalismo em interface com o pensamento de Paulo Freire, em especial a cultura dos silenciamentos impostos a determinados setores. Daí que o início da formação no curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP com uma experiência comunitária e de caráter extensionista tem sido positiva para a constituição de um profissional crítico e com capacidade e de intervir criativamente no mercado profissional e na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BOCCHINI, Maria Otília. **Para escrever bem** S. Paulo: Manole, 2000
- BORGES, Jorge Luiz. “Sobre o Rigor na Ciência”, **in História Universal da Infância**, trad. De José Bento, Assírio e Alvim, 1982,
- CAPUTO, Stella. **Sobre entrevistas**. Petrópolis: Vozes, 2006
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Ortiz, 1985
- GIANOTTI, Vito. **Muralhas da linguagem**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004
- GULLAR, Ferreira. **Corpo a corpo com a linguagem**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 1997
- HERMAN, E. S; CHOMSKY, N. **A manipulação do público – política e poder econômico no uso da mídia**. S. Paulo: Futura, 2003
- JORNALISMO COMUNITÁRIO: **Um manual de redação**. S. Paulo: Abya Yala, 2024
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio Janeiro: Elsevier, 2004
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008



- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. S. Paulo: Ática, 2008
- OLIVEIRA, Dennis. **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. Curitiba: Appris, 2017
- _____. **Iniciação aos estudos de jornalismo**. S. Paulo: Abya Yala, 2020
- _____. “Paulo Freire e uma prática jornalística emancipatória-decolonial.” in: **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, 8(2), 122–132., S. Paulo, 2021
- PEREIRA JR, Luiz Costa. **Apuração da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2006
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005